

O QUE PODE O CORPO EM UM SENSORATÓRIO?

WHAT CAN A BODY IN A SENSORATORY?

¿QUÉ PUEDE EL CUERPO EN UN SENSORATORIO?

Amanda Jardim¹, Mariane Schmidt da Silva², Carolina Rodrigues de Souza³

Resumo

Este artigo propõe experimentar travessias entre ciência e arte no ensino de Biologia, apresentando uma pesquisa-intervenção realizada em uma escola rural no âmbito do projeto *Novas abordagens em Ciências e Matemática na escola: itinerários em Arte-Educação*, com apoio da FAPESP. No centro da proposta está o “sensoratório”: um espaço em que o corpo — mais que objeto biológico — se torna território de sensações e criações. A sala de aula se deforma, abandonando fileiras rígidas, para compor estações vivas com microscópios, plantas, imagens, espelho e ruídos musicais, onde ciência e arte se encontram em composições inesperadas. A proposta se inspira em Deleuze e Guattari (2010), especialmente na concepção de arte como criação de blocos de sensação. O trabalho contribui para o debate sobre práticas educativas que valorizam a dimensão sensível e a experiência estética, abrindo espaço para fabulações coletivas e outros modos de aprender e existir no Antropoceno.

Palavras-chave: Ensino de Ciências e Biologia; Arte; Corpo; Sensações; Criação; Experiência Estética.

Abstract

This article proposes to experiment with crossings between science and art in Biology Education, presenting an intervention-type research carried out in a rural school within the scope of the New Approaches in Science and Mathematics at School: Pathways in Art Education project, supported by FAPESP. At the core of the proposal is the “sensoratory”: a space where the body—more than an object of biological study—becomes a territory of sensations and creations. The classroom reshapes itself, abandoning rigid rows, to compose living stations with microscopes, plants, images, mirrors, and musical sounds, where science and art meet in unexpected compositions. The proposal is inspired by Deleuze and Guattari (2010), especially their conception of art as the creation of blocks of sensation. This work contributes to the debate on educational practices that value the sensitive dimension and aesthetic experience, opening space for collective fabulations and other ways of learning and existing in the Anthropocene.

Keywords: Science and Biology Education; Art; Body; Sensations; Creation; Aesthetic Experience.

Resumen

Este artículo propone experimentar travesías entre ciencia y arte en la Enseñanza de la Biología, presentando una investigación de tipo intervención realizada en una escuela rural en el marco del proyecto Nuevos enfoques en Ciencias y Matemáticas en la escuela: itinerarios en Arte-Educación, con el apoyo de la FAPESP. En el centro de la propuesta está el “sensoratorio”: un espacio en el que el cuerpo —más que objeto de estudio biológico— se convierte en territorio de sensaciones y creaciones. El aula se deforma, abandonando filas rígidas, para componer estaciones vivas con microscopios, plantas, imágenes, espejos y ruidos musicales, donde la ciencia y el arte se encuentran en composiciones inesperadas. La propuesta se inspira en Deleuze y Guattari (2010), especialmente en la concepción del arte como creación de bloques de sensación. El trabajo contribuye al debate sobre prácticas educativas que valoran la dimensión sensible y la experiencia estética, abriendo espacio para fabulaciones colectivas y otros modos de aprender y existir en el Antropoceno.

Palabras clave: Enseñanza de las Ciencias y la Biología; Arte; Cuerpo; Sensaciones; Creación; Experiencia Estética.

¹ Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil. E-mail: amanda.jdim7@gmail.com

² Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil. E-mail: marianessh@gmail.com

³ Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil. E-mail: carolinatasouza@ufscar.br



A arte e nada como a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora para a vida, o grande estimulante da vida.

Friedrich Nietzsche

1. Introdução

Ao entrar na escola, os passos são dados em velocidades e intensidades diferentes, mas os corpos (aluno, professor e conceito) costumam percorrer quase sempre os mesmos caminhos. Da aula teórica à aula prática, comandos são dados a essa grande máquina para que ela exerça determinadas funções nas aulas de Ciências e Biologia. Inspiradas no conceito de arte proposto por Deleuze e Guattari (2010), desejamos movimentar a ideia de um corpo que se deforma, desdobra, desorganiza, desestrutura; um corpo que ao mesmo tempo em que vive suas funções, também se abre a outras possibilidades de sentir, compondo-se em encontros que atravessam e deslocam o já estabelecido. Para esses autores a arte tem como objetivo arrancar perceptos das percepções e afectos das afecções, compondo blocos de sensações. Trata-se de um campo sensível, uma presença em movimento capaz de afetar e ser afetada, resistindo à captura pela utilidade ou pela mera representação. Esse conceito foi um convite para buscarmos outros caminhos com o ensino de Ciências e Biologia que não se limite a uma lógica de fronteiras fixas, mas que transite no entre, onde ciência e arte podem se contaminar mutuamente⁴ e criar juntas⁵.

No contexto desta pesquisa, Deleuze e Guattari não aparecem apenas como referências conceituais, mas como operadores metodológicos. A compreensão dos autores sobre a arte inspira a criação do *sensoratório* como espaço de intervenção que desorganiza funções e rearranja forças, deslocando o corpo de um regime representacional para experimentações que tensionam os modos habituais de perceber, aprender e existir na escola. Assim, não se trata de reorganizar conteúdos, mas de instaurar um plano onde o corpo possa variar, fabular e compor outros mundos possíveis.

Na escola, o corpo sensível raramente ocupa o centro da experiência. Sendo, muitas vezes, reduzido ao corpo disciplinado, sentado, escrevendo, respondendo às demandas de um currículo prescrito. Esse empobrecimento da experiência está ligado ao que Rolnik (2011) chama de dessensibilização do corpo vibrátil — a dimensão do corpo capaz de perceber

⁴ Usamos o termo “contaminar” em sentido não biológico, mas para indicar processos em que forças passam entre corpos. Em Deleuze e Guattari (2011), essa passagem aparece como circulação de intensidades que se produzem no “entre”, zona de variação onde algo se transforma ao tocar outra coisa. Nos aproximamos também da noção de “contágio” em Gil (2004), que descreve como movimentos e afetos atravessam corpos, desfazendo dicotomias como sentir/pensar. Aqui, “contaminar” aponta para esses modos de variação que emergem no contato e na abertura ao mundo.

⁵ Referência à pesquisa de pós-doutorado da coautora Dra. Carolina Rodrigues de Souza, intitulada “A criação como processo desejante da Educação em Ciências”, que teve como objetivo aproximar os conceitos de arte e ciência a partir da perspectiva do filósofo Gilles Deleuze, no campo do ensino de ciências.

variações de intensidade que atravessam o mundo e nos atravessam antes mesmo de se converterem em formas, palavras ou representações. Quando o corpo vibrátil está adormecido, perde-se a possibilidade de escutar o mundo e a si em um só gesto, empobrecendo a criação de outros modos de existir. Com a intervenção por meio do *sensoratório*, buscamos reativar o corpo vibrátil, cultivando atenção e abertura para as forças e afetos que circulam nos encontros, criando brechas na lógica que reduz o ensino de Ciências e Biologia à verificação de respostas corretas ou à repetição mecânica de classificações.

Embrenhamo-nos em trilhas (im)possíveis entre as linguagens, querendo ir pelo meio para liberar as multiplicidades, para fazer rizoma. Que partículas luminosas, sonoras e de sensações possam esburacar os muros das ciências e abrir espaços-tempos para rearranjar códigos já sedimentados. Partirmos das alianças e operamos contaminações mútuas para, quem sabe, experimentar relações outras com signos da Biologia, salas de aula, imagens, sons, corpos.

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guattari, 2011, p. 49).

A experiência apresentada neste texto, foi desenvolvida no âmbito do projeto *Novas abordagens em Ciências e Matemática na escola: itinerários em Arte-Educação*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Como caminho metodológico, nos inspiramos na concepção de pesquisa-intervenção apresentada por Passos, Patzdorf (2021), que compreendem o investigar e o intervir como movimentos inseparáveis. Essa inseparabilidade se justifica porque, para esses/as autores/as, pesquisar não significa representar um objeto já dado, mas acompanhar processos em variação: ao entrar no campo, o/a pesquisador/a necessariamente produz deslocamentos, provoca encontros e se deixa afetar pelos movimentos que ali se compõem. Nos aproximamos desse modo de compreender a pesquisa para afirmar que ela cria, também, condições de abertura para compor outras relações e modos de perceber. Contudo, não adotamos o método cartográfico em sua formulação específica, mas nos inspiramos no modo como essas autoras e autores compreendem o pesquisar como processo vivo.

A intervenção ocorreu em uma escola rural parceira⁶, onde montamos estações com produções artísticas, materiais didáticos, exemplares de insetos, plantas, espelhos, lupas, ruídos musicais, livros, imagens e outros elementos encontrados na própria escola e em seu

⁶ Aqui parceira se refere a Escola Estadual Adail Malmegrim Gonçalves que participa do projeto *Novas abordagens em Ciências e Matemática na escola: itinerários em Arte-Educação*, parceria SEDUC-SP/FAPESP, dedicada ao apoio de pesquisas desenvolvidas em colaboração com escolas públicas e à criação de práticas pedagógicas inovadoras.

entorno. Buscamos criar um espaço onde os/as alunos/as pudessem ir além da mera verificação e validação de conhecimentos científicos ou da repetição mecânica de nomes e estruturas do corpo humano padrão. Um espaço em que pudessem ver, ouvir, tocar e criar para si um corpo outro. Um lugar que extrapolasse os possíveis já dados por uma estrutura curricular demasiadamente prescritiva; que não se limitasse a transmissão de conteúdos; onde os afetos pudessem circular, ativando o corpo vibrátil e compondo outras experiências para a aula de Ciências e Biologia. Um lugar onde fosse possível experimentar blocos de sensações. Um *sensoratório*.

Ao apresentar essa experiência, não temos como objetivo apresentar um modelo a ser seguido, mas contribuir para o debate sobre práticas educativas que valorizem a dimensão sensível e a experiência estética no ensino de Ciências e Biologia. Defendemos que abrir espaço para blocos de sensações, encontros inesperados e fabulações coletivas pode ampliar a potência da escola como lugar de invenção, estimulando atenção, cuidado, imaginação e a construção de outros modos de existir e aprender.

Vivemos um tempo que nos convoca a pensar em formas de nos conectar com a vida e dissolver a dicotomia humano-natureza, reconhecer que somos parte de um mesmo tecido vivo. E, talvez, esse seja o grito mais urgente do Antropoceno: lembrar que não estamos fora, acima ou separados da natureza, mas implicados em suas instabilidades, crises e potências. Longe de uma noção meramente geológica, o Antropoceno se apresenta como um presente atravessado por crises ecológicas, sociais e sensíveis que nos desafiam a repensar a educação a partir de práticas que afirmem a vida em sua multiplicidade, convocando o ensino de Ciências e Biologia a abrir brechas para experiências que ampliem modos de atenção e relação. Trata-se de um episódio “marcado pelo impacto humano, que, para além de um agente biológico, teria se tornado uma força geofísica que molda a face do planeta, deixando um rastro de destruição das condições de habitabilidade” (Froelich; Vieira, 2024, p. 2). Não apenas uma força geofísica, mas uma força atuando em uma lógica colonial e colonializante.

Em meio a essas tensões, torna-se necessário compor práticas que favoreçam outras percepções do e com o mundo. É nesse horizonte que situamos o *sensoratório*: um dispositivo que não busca apenas “tornar a aula mais atrativa”, mas propor uma outra relação com a ciência e com o mundo, cultivando sensibilidades e imaginando futuros possíveis em meio às urgências que atravessam nosso tempo.

Nesse sentido, as imagens apresentadas ao longo do texto (Figuras 1–9) não operam como ilustrações explicativas, mas como registros sensíveis da experiência vivida no sensoratório, compondo com a escrita outros modos de narrar a pesquisa.

2. Afirmar a vida no/com o estudo da vida

Há modos do corpo ser e estar no mundo que ultrapassam a lógica da representação, da consciência e da racionalidade. Trata-se de uma dimensão sensível, capaz de captar



variações de intensidade, forças, fluxos e afetos que antes mesmo de serem traduzidos em linguagem, deixam-se atravessar pelas sensações. Rolnik (2011) denomina essa dimensão de corpo vibrátil: um corpo que percebe as mínimas intensidades, pequenas variações de luz, a densidade do ar, ruídos distantes quase imperceptíveis, escutando o mundo e a si mesmo simultaneamente. Neste modo não há separação entre dentro e fora, entre sujeito e objeto, mas uma mistura fortuita entre corpos. Momentos em que a vida não se separa do mundo.

Apesar da Biologia se apresentar como o campo do conhecimento que estuda a vida em sua multiplicidade — animais, plantas, fungos, bactérias, e suas relações, entre si e com o ambiente —, a escola frequentemente restringe esse encontro a uma experiência árida. Provas padronizadas, plataformas digitais, listas extensas de conteúdos e a memorização de nomes complexos e distantes do cotidiano acabam limitando e, por vezes, reduzindo a potência que há no aprender Biologia: conectar vidas para além dos conceitos científicos. A vida, que poderia pulsar nas aulas, muitas vezes aparece recortada, esquematizada em dicionários conceituais distantes das sensações. Uma vida distante do que se entende por vida, com uma atenção sempre voltada para o fim, com poucos espaços para os começos e aquilo que se dá no meio. Neste cenário a vida não está sendo, mas já se foi. É como se ela não estivesse acontecendo e se transformando a cada instante, tornando-se o estudo do que chegou ao fim e sem passar pelo processo de (de)composição. Nesse contexto, a dimensão vibrátil do corpo é, muitas vezes, silenciada: o que poderia ser um convite à uma experiência sensível com um mundo vivo torna-se a tarefa de organizar informações.

Esse movimento produz o que Foucault (2017) chamou de corpos dóceis: corpos ajustados, disciplinados, modelados para corresponder a demandas externas. Contudo, a partir de Rolnik (2011), é possível compreender que o corpo vibrátil não desaparece completamente, ele pode ser amortecido, mas persiste como potência latente de percepção e criação. Mesmo em meio à lógica de controle e previsibilidade, estudantes e professores/as desejam, traçam linhas de fuga, escapam às normas, inventam formas próprias de se relacionar e criar com o conhecimento-mundo. É nessa tensão entre controle e invenção que se abre a possibilidade de pensar o ensino de Ciências e Biologia como espaço de cultivo de sensibilidades.

Como trazer vida para o estudo da vida? Como trazer a Biologia de volta à vida no ensino de Ciências e Biologia? Como desobstruir os vasos que impedem, dificultam a circulação, o movimento, o pulsar da vida em seu estudo? Essas perguntas provocam a pensar nos limites de uma disciplina que, muitas vezes, se fixa em narrativas prontas e oferece pouco espaço para uma experimentação corpórea, sensível e inventiva de outras formas de existir (Belinaso; Ripoll, 2023). De modo semelhante, Sales, Rigue e Dalmaso (2023) defendem uma educação em Ciências e Biologia como processo de habitar o mundo, em que um território se torne parte de nós, que uma paisagem faça corpo, convocando-nos a enredamentos mais híbridos e intensos com os seres e ambientes. De acordo com os autores:

Pensar dentro do espectro das ciências da natureza, a partir do que agenciamos, demanda aceitar a viagem pela cocriação da atividade do pensamento com-na-em-meio-à-pela vida, ensaiando-se no improviso,



sensíveis ao que nos torna incessantemente outros nas derivas, nos encontros educativos e nas nossas existências (Sales; Rigue; Dalmaso, 2023, p. 16).

Essa abertura para a vida, para o imprevisível e para o que se transforma nos encontros, ressoam no conceito de arte proposto por Deleuze e Guattari (2010). Se o corpo vibrátil (Rolnik, 2011) é essa capacidade de perceber e se deixar atravessar por intensidades, a arte pode ser entendida como uma força que movimenta e reanima essa dimensão sensível. Para os autores, a arte não tem como finalidade representar ou explicar o mundo, mas criar blocos de sensação, arrancar perceptos das percepções e afectos das afecções, instaurando presenças que escapam às funções utilitárias ou aos esquemas conceituais já dados. A sensação, por sua vez, não se realiza sobre a matéria, mas com ela. Cores, sons, texturas e formas não são simples acessórios, mas forças expressivas que agem diretamente sobre quem as percebe. O material não é neutro: participaativamente da produção de perceptos e afectos. Uma cor não é apenas “vermelha”; é colorante, capaz de instaurar atmosferas, abrir paisagens sensíveis e vibrar junto aos corpos que a percebem (Deleuze; Guattari, 2010).

Essa definição coloca a arte em outro plano, distinto do modo como costuma atravessar a educação, inclusive no ensino de Ciências e Biologia, em que frequentemente é convocada de forma utilitarista: ilustra um conteúdo, torna a aula mais “atrativa”, facilita a memorização. Nesse uso, a arte é subjugada à função de reforçar um conceito pré-existente, estreitando sua potência. E a arte deixa de ser arte para se tornar um recurso didático.

Ao movimentar essa outra concepção de arte para que apareça como possibilidade de intensificar o corpo vibrátil na escola, o aprender traça outros contornos, deslocando-se da lógica estritamente funcional e racional, para um espaço onde a experiência sensível também tenha presença. Afinal, aprender não se restringe à memorização de processos ou reprodução de conceitos: envolve também o sentir, o experimentar e o criar. Conforme apontam Brito e Costa (2020) o aprender também pode ser uma experiência estética:

O aprender como experiência estética é um mergulho do corpo nas águas profundas e misteriosas, ao mesmo tempo que se coloca à exposição do sensível, dos encontros, que podem vir por todos os lados, na leitura de um livro, na ida ao cinema, ao teatro, o encontro com uma poesia..., contagiando-se com materialidades inventivas, não para explicar o que elas querem dizer, mas para experimentar, em seus corpos, blocos de sensações (Brito; Costa, 2020, p. 132).

Nessa perspectiva, aprender como experiência estética é acolher a instabilidade e a incerteza como dinâmica própria do processo educativo, em vez de tratá-las como falhas ou desvios. Não se trata apenas de compreender conceitos científicos, mas de habitá-los, de experimentá-los em sua dimensão sensível, deixando que reverberem no corpo. Tal como a arte não ilustra, mas cria, o aprender não reproduz, mas inventa modos de estar com o conhecimento e com o mundo.

Ao conectar o corpo vibrátil (Rolnik, 2011), a arte como criação de blocos de sensações (Deleuze; Guattari, 2010) e o aprender como experiência estética (Brito; Costa, 2020) abrimos espaço para experimentar outras possibilidades no ensino de Ciências e Biologia, não como transmissão ou construção de verdades prontas, mas como território de experimentação estética de uma vida em movimento. Nesta outra linha que se estica, aprender Biologia deixa de ser apenas uma tarefa de descrição de organismos, funções, fenômenos e classificações. A Biologia vai para além de uma representação da vida para se tornar um território de encontros sensíveis, onde o conhecimento se compõe com o sentir. O corpo se abre para as forças do mundo, um aprender que se dá na criação dessa conexão.

No contexto do *sensoratório*, essa concepção de arte rompe com a lógica representacional e desloca o ensino de Biologia de um lugar exclusivamente conceitual para um território de experimentação sensível. Minerais, tecidos biológicos, estruturas vegetais, sons de ambientes naturais, tudo pode funcionar como material expressivo, capaz de produzir blocos de sensação que não se esgotam em sua descrição científica, mas os fazem transbordar. Ao trabalhar com esses elementos não apenas como objetos de estudo, mas como parceiros de composição, o conhecimento científico se entrelaça à experiência estética, ativando o corpo vibrátil e abrindo espaço para modos de aprender que escapam ao previsível.

3. Desdobrando corpos; desorganizando os órgãos; pensando um *sensoratório*

Corpo-coletivo. Um corpo vivo de professoras-pesquisadoras que se compõe com o que reverbera entre-mundos. Um corpo é sempre uma multidão. Vários corpos são uma constelação infinita de agenciamentos (im)possíveis e imprevisíveis. Em um corpo-coletivo de professoras-pesquisadoras territórios diversos colidem, e ecoam pensamentos variantes nascidos do encontro. “Quando o pensamento assume as condições de um encontro efetivo, de uma autêntica conexão com o fora, então ele afirma o imprevisível ou o inesperado, acampa sobre um chão movediço que ele não domina, e ganha aí sua necessidade” (Zourabichvili, 2016, p. 52).

Abraçamos o imprevisível. Corpo-coletivo desejante. O desejo faz mover e rearranjar o real. Realidade movente. O que podem os corpos em encontro? Uns com os outros; com a ciência; com a arte; com a escola. Esse corpo-coletivo que arrasta consigo multidões, que desloca as referências, que busca fazer variar o que se quer sempre pré-configurado. Buscamos fazer variar. Ciência e arte e corpo e escola e, e, e... Apostando no encontro e naquilo que ainda não está lá. Nos encontramos com a escola, ouvimos relatos, espalhamos materiais diversos em uma mesa no pátio sem ainda saber para onde vai o pensamento. Desejamos uma intervenção, algo que provocasse uma nova relação com objetos da ciência, onde “os objetos de laboratório não seriam, assim, um simples meio de obtenção de algo, mas participantes ativos em sua ‘inscrição’, em sua construção, em seu nascimento, em sua possibilidade de existência” (Guimarães e Krelling, 2014, p. 4680). Desejamos algo que fizesse circular afetos, uma intervenção que friccionasse as existências. O encontro deu o



corpo como caminho.

Corpos-vegetais; corpos-insetos; corpos-celestes; corpos-celulares; corpos-moleculares; corpos-humanos; corpos-reflexos; corpos-criança; corpos-variantes. O grupo sevê diante de um sem-número de corpos. Modelos (des)montáveis de DNA; modelos do sistema solar; insetos conservados em formol; microscópios; imagens didáticas de um corpo sistematizado pela ciência; imagens de corpos pintados por artistas: Tarsila de Amaral; Francis Bacon; Cândido Portinari; Lucian Freud; Iberê Camargo.

Todos os corpos ali, dispostos em mesas na escola, trazem à tona uma série de questões. Que corpos habitam a escola? Que corpos a escola (re)produz? Como desorganizar o corpo da/na escola? Como partir do corpo para produzir uma (outra) experiência sensível na escola? Experimentar (com) o corpo pode deslocar os signos da ciência? Como produzir um *sensoratório*?

Sem protocolos ou prescrições, fomos compondo com os materiais da escola um novo espaço-tempo. Reconfiguramos a ordem da sala de aula. Modelos científicos e materiais didáticos que não estavam ali para explicar nada. A sala de aula com inspirações de uma galeria de arte. Os objetos próprios da ciência existindo ali apenas enquanto corpos “provocadores de pensamento e de sensações” (Guimarães e Krelling, 2014, p. 4680).

Despindo os materiais de suas funções pré-estabelecidas, abrindo a sala de aula para as sensações, apostamos na intensificação e na recombinação das forças e afetos. Que o corpo de professores/as, estudantes e dos próprios objetos se desterritorializem a ponto de experimentarem novas composições com o mundo. Abrir brechas para a produção de um corpo intensivo. Corpo sem órgãos. Deformar a figura da ciência, deformar a figura do corpo a partir da sensação, como faz a pintura de Francis Bacon para Deleuze:

Ela abandona então o corpo formado, figurativo, para chegar por meio de deformações à figura, isto é, a um corpo que não mais se define por partes funcionais (órgãos), mas por zonas de intensidade, que são limiares ou níveis, compondo um ‘corpo intenso’ ou ‘sem órgãos’ (Zourabichvili, 2016, p. 70).

Criar a partir das sensações? Este desejo também pulsou ao pensar a composição deste espaço. Neste sentido, a técnica da colagem apareceu como possibilidade; cortar, rasgar, picotar e fragmentar representações, permitindo que os elementos, antes fixos e definidos, se desorganizassem e reorganizassem para criar mundos possíveis, dando outro sentido ao corpo e ao conhecimento.

Assim como a ciência busca fragmentar para compreender, a colagem faz do fragmento um convite à criação. Não se trata de remontar o corpo tal como é descrito nos livros didáticos ou nas observações em aulas práticas, mas permitir que os pedaços – imagens, texturas e sensações – se conectem para compor outros ritmos e narrativas.

Cada pedaço de papel, cada imagem recortada, uma tentativa de borrar as margens, desprender o corpo do limite das estruturas rígidas, das formas preestabelecidas. É como se, ao fragmentar o que já foi dado, pudéssemos revelar o invisível, o que permanece oculto na rotina das aulas tradicionais. Por isso, a colagem. Ela nos convida a enxergar o que não está imediatamente à vista, o que escapa aos olhos treinados que busca a ordem, a clareza. Neste processo, o corpo se torna mais do que um objeto de estudo: ele se desdobra e multiplica.

E o que pode o corpo em um *sensoratório*?

4. O encontro com o *sensoratório*

Animados/as, ansiosos/as e agitados/as. Os/as estudantes do oitavo ano sabiam que naquela manhã viveriam outros movimentos. A porta se abre, os rostos emanam diferentes expressões, do espanto ao encanto. Os primeiros passos são dados em direção ao desconhecido. Sem roteiros predeterminados ou ordem de visitação estabelecida, iniciam-se os deslocamentos pela sala.

Olhares deslizam sobre as imagens, dançam com Abranches⁷: “o que ele está fazendo?”, se deslumbram sob a luz do microscópio: “vou colocar a pétala aqui para ver”, e da lupa: “que aranha é essa?”. As mãos tocam o esqueleto e o globo, organizam os órgãos do modelo: “desde quando coração fica na cabeça?”. Ouvidos estranharam os movimentos sonoros de Atopos⁸: “que música é essa?”. Traçam contornos dos seus e de outros corpos sobre o espelho. As mãos, sobre o corpo. Percorrendo texturas de um vegetal. O que sentem as pontas dos dedos? A superfície aguda? A cor verde? A minúcia do toque.

Uma certa lentidão se propaga no instante, como se dentro daquela sala fosse possível se demorar um pouco mais na abertura das coisas e atender aos chamados de um cacto que se coloca despretensiosamente entre outros vegetais, revistas, movimentos audiovisuais, materiais didáticos. Demorar-se um pouco mais a andarilhar o corpo dentro da sala de aula desconstruída (*sensoratório*). A proposição abre outros tempos possíveis na escola, outra duração, uma prática de fazer variar as velocidades e lentidões.

A fotografia recorta, expande e silencia o tempo. Atualiza as virtualidades. Amplifica as aberturas e os instantes. Torna visível os campos sensoriais entre-tempos que talvez tenham durado apenas alguns segundos. Na fotografia o *sensoratório* se distende e alcança o futuro, continuamente a fazer vibrar (n)o corpo.

⁷ Referência ao coreógrafo Marcos Abranches, cuja a performance artística “o corpo sobre a tela” foi projetada no *sensoratório*.

⁸ Música da cantora islandesa Björk, presente no álbum “Fossora”, lançado em 2022 e tocada no *sensoratório*.

Figuras 1, 2 e 3: Fotograficas do encontro com o *sensoratório*.

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Fonte: Acervo do Projeto - Registros feitos por propositoras/es e estudantes participantes do *sensoratório* (2024).

Após circularem pela sala, convidamos os estudantes a ocuparem coletivamente alguns painéis e manifestar suas inquietações: “o que vocês sentiram?”. A preocupação com o aperto da sala nos levou à abertura para outras possibilidades: ocupar outro espaço. Quando o imprevisível aparece o improviso acontece. Nas mesas de baixo das árvores, alguns estudantes ocuparam o painel: “não fizemos nada do que estava lá dentro. Colocamos as bandas e youtubers que gostamos, deixamos nossas digitais”.

Outro grupo se dissolve junto com o painel, dobrando ideias e criando um grande avião de papel: “vamos fazer esse negócio voar, no mínimo, até o outro lado da escola”. Em duplas, eles se revezam, correndo de um lado para o outro, o avião erguido sobre a cabeça: “Um, dois, três e... já!” — e o soltam, entregando ao ar suas esperanças dobradas. De longe, um estudante do terceiro ano, contemplando a cena, comenta com a professora: “acho que eles voaram lá dentro”.

Ao retornarem para a sala, o *sensoratório* já não era mais o mesmo, o lugar é vivo. Como acontece com os metamórficos, era hora de mudar. Transformar a sensação em criação. Mais uma proposta seria lançada aos estudantes. Cortar, picotar, rasgar, colar. Conhecer colagistas e suas obras: “Mas isso é arte?”.

A colagem também é metamórfica. A curadoria se insinua. A busca agita os corpos. O que buscam? As mãos saltam de páginas em páginas, de revistas em revistas, os olhos capturam múltiplas direções em frações de segundos. Movimento intenso. Soa o sinal para o intervalo, mas não houve a corrida habitual para o pátio, outros ritmos acompanharam o

movimento de entrar e sair da sala, entre aula e intervalo. Afinal, o recorte estava por vir.

Mão e tesoura se tornam uma única coisa, extensão do pensamento que dançava com personagens de animações, famosos, animais, objetos, políticos, palavras e frases que saltavam e se soltavam daquelas páginas. Cada corte carregava um fragmento de mundo, uma ideia, uma possibilidade.

Na junção dos fragmentos, as composições acontecem. As imagens deslizam sob o papel buscando seu lugar, como peças de um quebra-cabeça que não possui moldura fixa. Cada elemento parecia carregar um passeio do pensamento, a possibilidade de compor algo novo.

Por fim, quando os fragmentos encontram seu lugar, vem a colagem. Momento em que tudo se fixa, em que os fragmentos deixam de ser peças soltas para formar um todo que anuncia uma lógica própria: a cabeça humana que se mistura com pedaços de vários animais, as pernas da galinha no homem de terno, as asas das borboletas trocadas. O último fragmento encontra seu lugar, mas alguns corpos vão além, transbordam, e as colagens ganham outro toque de vida: as tintas. Os pincéis deslizam pelo papel. O líquido escorre transformando o que antes era fragmento em algo mais pulsante.

As mãos reposam, os olhares vagam pelas criações. As colagens tornaram-se não apenas imagens, mas experiências visuais que gritam, sussurram e encantam. E assim, ritornelamos⁹.

Figuras 4, 5 e 6: Fotografias do encontro com o *sensoratório*.

| Figura 4 | Figura 5 | Figura 6 |
|---|---|---|
|  |  |  |

Fonte: Acervo do Projeto - Registros feitos por propositoras/es e estudantes participantes do *sensoratório* (2024).

⁹ Referência ao conceito “ritornelo”: “[...] o ritornelo é um prisma, um cristal de espaço-tempo. Ele age sobre aquilo que o rodeia, som ou luz, para tirar daí vibrações variadas, decomposições, projeções, e transformações. O ritornelo tem igualmente uma função catalítica: não só aumentar a velocidade das trocas e reações naquilo que o rodeia, mas assegurar interações indiretas entre elementos desprovidos de afinidade dita natural, e através disso formar massas organizadas” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 176).

Figuras 7, 8 e 9: Fotograficas do encontro com o *sensoratório*.

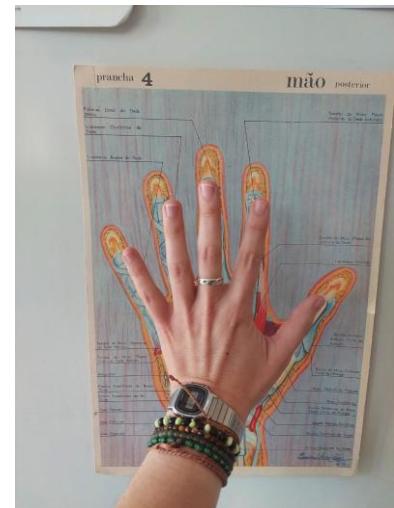
Figura 7



Figura 8



Figura 9



Fonte: Acervo do Projeto - Registros feitos por propositoras/es e estudantes participantes do *sensoratório* (2024).

5 Sobre voar para o outro lado

Buscamos sentir o outro lado. Um lugar onde as rígidas barreiras do ensino de Ciências se desfazem e as fronteiras entre a ciência, a arte e o corpo se tornam maleáveis. A fala do estudante: “vamos fazer esse negócio voar, no mínimo, até o outro lado da escola” ressoou como uma chave, abrindo uma passagem entre o que é visível e o que é possível. Ao voar para o outro lado, não apenas cruzamos um limite físico, mas também nos afastamos da ideia tradicional de conhecimento que se encerra em respostas fechadas, e passamos a habitar um espaço de multiplicidade e de formas inesperadas.

Esse outro lado não se restringe a um único espaço ou conteúdo presente nos livros, mas se desdobra em possibilidades que ampliam a forma e o que se aprende nas aulas de Ciências. Um aprender que mistura outros ritmos e cores, desloca para outros tempos e espaços. Um aprender que passa pelas sensações, o aprender como uma experiência estética.

Nessa experiência, os movimentos dos estudantes - seus gestos, ritmos e escolhas – escapavam da racionalidade técnica, enraizada nas dicotomias da ciência moderna: corpo-mente, razão-emoção, sujeito-objeto. Essa visão que privilegia a mente como único centro do saber era suavemente desafiada a cada olhar atento, toque curioso, recorte impreciso e pincelada livre. Pensamos com o corpo. Corpo é mente, e mente é corpo; uma unidade inseparável que sente, cria, pulsa e se diferencia nas experiências. Nesse pensar, o corpo não executa comandos, mas se conecta com o mundo.

Krenak (2022, p.82) sugere o conceito de “alianças afetivas”, evocando nossa singularidade como existência situada dentro de uma constelação de seres, onde “eu desapareço”, e posso passar a ser “só uma pessoa dentro de um fluxo capaz de produzir afetos e sentidos”. Esse movimento nos interessa como resistência a um regime colonial-capitalístico (Rolnik, 2018) que (se) mantém (n)o Antropoceno e anestesia nossa vulnerabilidade ao outro, estancando os fluxos desejantes das forças, dos afetos. Desconcertar a centralidade do humano “afinal, todas as existências não podem ser a partir do enunciado do antropocentrismo que tudo marca, denomina, categoriza e dispõe” (Krenak, 2022, p. 83).

Com o *sensoratório* desejamos a abertura de um espaço em que houvesse a “possibilidade de os mundos se afetarem, de experimentar o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ela não só é sujeito, mas pode ter a iniciativa de abordar quem quer que seja” (Krenak, 2022, p. 83). Conversar com a montanha, conversar com as aranhas, com as folhas, com o próprio corpo.

Forças e formas compõem o mundo como duas faces de uma mesma fita de moebius: “somos constituídos pelos efeitos das forças e suas relações que agitam o fluxo vital de um mundo e que atravessam singularmente todos os corpos que o compõem, fazendo deles um só corpo, em variação contínua” (Rolnik, 2018, p. 54). Com o *sensoratório*, reativar a sensibilidade às forças que nos atravessam para, quem sabe, estremecer, desestabilizar e recompor o diagrama em vigência. Colocar-se à espreita para os diálogos com os seres, abrir-se aos perceptos, sensibilizar-se às forças. Como se fosse um tipo de intuição, Suely Rolnik (2018, p. 53) também chama essa abertura de “saber-do corpo” ou “saber-do-vivo”.

Compreendemos que a própria ciência também pode ser um caminho para a conversa, para despertar os saberes-do-vivo. “Avizinhar-se às ciências, aos seus processos e até mesmo aos protocolos que o/a cientista usa, e então, possivelmente, entrar em outras conexões com o mundo” (Silva; Paiva; Grego, 2023, p.13). Com suas técnicas, instrumentos e conceitos ela também desenha visibilidades, tem a potência de nos sensibilizar às virtualidades que povoam o mundo e de atualizar as realidades. “O mundo vive efetivamente em nosso corpo e nele produz gérmenes de outros mundos em estado virtual” (Rolnik, 2018, p.55). Pensar com o corpo, com as sensações, com as alianças, é possibilitar a germinação de outros mundos, ensaiar outros mundos possíveis a transbordar o Antropoceno. Deslocando a ciência de seu lugar hegemônico, aproximando-a das artes, encarando-a como canal de conexão com a vida a partir, também, das sensações: abertura de brechas para que brotem as sementes virtuais que existem conosco.

Haveria um método para fazer ver essas composições, uma vez esclarecido que fazer ver é ao mesmo tempo fazer existir ou tornar mais real aquilo que fazemos perceber? Compreendemos que para isso é preciso toda uma “arte”. Seria preciso imaginar uma espécie de dispositivo ótico que faça perceber as perspectivas, que lhes dê uma realidade mais manifesta (Lapoujade, 2017, p. 47).

Ao convidar o corpo e a arte a atravessarem as margens do ensino de Ciências e Biologia, não tivemos como pretensão simplesmente adicionar algo novo à escola, mas abrir uma fresta por onde o conhecimento possa se movimentar nos fluxos e sensações. No horizonte do Antropoceno, em que o futuro da vida depende de novas alianças, esse outro lado é também a urgência de cultivar modos de atenção e cuidado que afirmem a vida em sua multiplicidade. Ao voarmos para o outro lado, deixamos para trás as certezas e as estruturas rígidas, e nos permitimos encontrar com o inesperado. Aprender não se limita ao que pode ser medido e manipulado, mas se amplia no que pode ser sentido, experimentado e, sobretudo, criado.

Referências

- BELINASO, Leandro; RIPOLL, Daniela. Ensino de Ciências e Biologia: amores estranhos, não humanos, conversas & alianças com as plantas e outras formas de narrar a vida. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e133867, 2023.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DcHB4SNFfCqWRmLN5k988SP/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- BRITO, Maria dos Remédios; COSTA, Dhemersson Warly Santos. Deleuze: o aprender como experiência estética. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** – RESAFE, [s. l.], n.32/33, p. 120-135, 2020.
Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/35117> Acesso em: 10 jul. 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v.1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. v. 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FROELICH, José Marcos; VIEIRA, Luiza. O Antropoceno e seus múltiplos: pistas para percorrer um labirinto de “cenos”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 39. 2024.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/SZf5HpxSykVBV4PSgtL5QYh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 nov 2025.
- GIL, José. Abrir o corpo. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 13-28.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd. Os objetos das ciências: imaginações em uma experiência de ensino. **V ENEBIO e II EREBIO Regional**, v. 1, p. 4679-4687, 2014.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Traduzido por Hortência Santos Lencastre. São Paulo: Editora n-1 edições, 128 p. 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas para o método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PATZDORF, Danilo. Artista-educa-dor: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19373>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e124171, 2023.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/124171>

SILVA, Mariane Schmidt; PAIVA, Vitoria Frigo; GREGO, Ana Maria. In. BioArte: encontros e produções indisciplinares na educação básica. **ClimaCom – Ciência.Vida.Educação**. [online], Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023.

Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/bioarte-encontros-e-producoes/>. Acesso em: 2 ago. 2025

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.

Recebido em: agosto de 2025
Aceito em: dezembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Rafael Caetano do Nascimento
E-mail: r235697@dac.unicamp.br